

FUTEBOL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE ENSINO A PARTIR DOS JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS

Data de aceite: 01/07/2024

Valdione dos Santos Ribeiro

Mestre em Educação Física, professor efetivo na prefeitura de Linhares - ES
<https://lattes.cnpq.br/8310807535123279>

Ubirajara de Oliveira

Doutor em Ciências na Saúde da Criança e do Adolescente, professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
<http://lattes.cnpq.br/3246220229295020>

RESUMO: Pensar o futebol na escola é acima de tudo ter um olhar crítico sobre sua presença e buscar novas propostas de ensino que vá além do apenas jogar bola. Esse artigo objetiva a exploração de uma prática pedagógica baseada em jogos que permita ampliar o desenvolvimento da cultura do futebol no contexto escolar. A partir da abordagem da pesquisa-ação, versaremos sobre a proposta dos Jogos Esportivos Coletivos (JEC), que utiliza jogos que envolvem os alunos em situações problema que são encontrados durante a partida de futebol. Como resultado, pudemos concluir que a o ensino do futebol através dos JEC mostrou-se eficaz no universo da pesquisa podendo ser uma alternativa para todo professor que tenha a pretensão de ministrar o conteúdo esportivo nas aulas para além dos métodos tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Jogos Esportivos Coletivos; Mulheres

FOOTBALL AT SCHOLL: A TEACHING PROPOSAL FROM THE COLLECTIVE SPORT GAME

ABSTRACT: Thinking about football at school means, above all, having a critical look at its presence and seeking new teaching proposals that go beyond just playing football. This article aims to explore a pedagogical practice based on games that allows expanding the development of football culture in the school context. Using the action research approach, we will discuss the proposal of Collective Sports Games (JEC), which uses games that involve students in problem situations that are encountered during the football match. As a result, we were able to conclude that teaching football through JEC proved to be effective in the research universe and could be an alternative for any teacher who intends to teach sports content in classes beyond traditional methods.

KEYWORDS: Football; Collective Sports Games; Women

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma dissertação de mestrado que trata do ensino do futebol no ambiente escolar, mais precisamente numa escola da rede municipal de Linhares – ES. O objetivo principal do estudo era explorar uma prática pedagógica baseada nos Jogos Esportivos Coletivos de modo que se opusesse aos modelos tradicionais de ensino, problematizando e refletindo sobre aspectos sociais ligados ao futebol, ampliando o conhecimento dos alunos a partir de uma visão antropológica da realidade.

Foi utilizada a pesquisa-ação que é definida por Thiollent (2009, p. 16) como “uma pesquisa social (...) com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual o pesquisador e participantes e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. No âmbito escolar, tanto professor quanto aluno desempenham funções ativas, desde que ambos os sujeitos estejam engajados durante todo o processo, participando nas situações problemas através do diálogo e troca de experiências vividas.

O período de intervenção foi durante o segundo trimestre letivo do ano de 2022 (junho, julho e agosto), em duas turmas de 9º Ano do Ensino Fundamental totalizando 35 alunos. Como instrumento de coletas de dados foi utilizado o roteiro de observação, que segundo Gil (2010) é fundamental para a obtenção das informações sobre determinada realidade, além de rodas de conversas que permitiram a abertura de espaço para que os sujeitos envolvidos no processo pudessem estabelecer um espaço de diálogo e interação, ampliando suas percepções sobre si e sobre o outro.

No primeiro momento, no processo de revisão de literatura, buscamos por três temas bem específicos que balizaram a problemática, a saber: a) futebol no Brasil e por consequência, sua inserção na escola; b) o jogo como método de ensino na escola; e c) a prática pedagógica dos Jogos Esportivos Coletivos, doravante chamados JEC.

Apontaremos no primeiro momento o que a literatura traz acerca desses três assuntos e suas devidas possibilidade de inserção no campo educacional; no segundo momento traremos um exemplo prático de JEC planejado e aplicado ao ensino do futebol no âmbito escolar em consonância com uma discussão acerca de um fator social presente no futebol, de modo que aja interação entre o aprender futebol e aprender sobre o futebol.

FUTEBOL, SOCIEDADE E ESCOLA

O esporte em si é um conteúdo bastante presente nas aulas de Educação Física escolar, contudo, aqui não queremos levantar bandeira alguma sobre o ensino ou não do esporte na escola, apenas humildemente discorrer sobre a presença do futebol na escola baseado em uma visão antropológica.

Leite (2010) argumenta que o esporte não possui em si nenhuma fórmula mágica, isto é, ele não é socializante nem antissocializante: ele é aquilo que se fizer dele, outrossim,

nossa inquietação acerca do futebol na escola não é sua presença constante, mas sim a representação que ele pode adquirir para os alunos: sempre jogar e pronto, nada mais que dois times, majoritariamente masculinos, correndo atrás de uma bola.

Não que o futebol não seja isso, porque também o é, Da Matta et al. (1982) corrobora com essa ideia, contudo no que concerne a seu ensino na escola, defendemos assim como Leite (2010) e Carlan (2012) que não é apenas o aprender objetivo, mas também pelo falar sobre as experiências e o entendimento do universo esportivo, é envolver debates sobre os aspectos históricos, sua mudança ao longo do tempo, respeito às diferenças, não participação de determinados alunos e tantos outros assuntos.

Observado na sociedade brasileira, concordamos com Da Matta et al. (1982) que aponta o futebol como um fenômeno cultural de grande impacto, contudo, fazer parte é diferente de se resumir a isso, isto é, embora o futebol exerça grande influência, a cultura brasileira não se resume a isso, o que nos leva a aceitar, que haja um tensionamento entre o futebol como fenômeno sociocultural e como conteúdo escolar.

Não iremos aqui nos ater ao contexto histórico do futebol no Brasil, aja vista farta literatura sobre o tema, nos limitamos apenas a concordar com Da Matta et al. (1982); que ele, o futebol, ocupa o *status* de manifestação cultural intensa no país devido a uma combinação de fatores: exigências técnicas e características socioculturais do povo brasileiro e que a sociedade (ou ao menos grande parte dela) encontrou no futebol uma forma de manifestação do eu pessoal na sociedade de modo que seja possível expressar-se.

Não obstante, a Educação Física escolar seja muitas vezes confundida com apenas jogar bola, embora não o seja. Evidentemente, não seremos intransigentes a acerca desse jogar bola nas aulas, assim, concordamos que o único jeito de jogar futebol é jogando. Contudo, entendemos, assim como Galatti *et al.* (2014); Galatti *et al.* (2017), que ele é um catalisador de um conjunto de conteúdos e experiências positivas aos jogadores, além de estabelecer uma diversidade de experiências, passando pelo reconhecimento de fatores externos ao jogo, bem como pelos aspectos internos. Em outras palavras, não é apenas jogar bola, mas também tomar o futebol como um objeto de estudo e de reflexão.

Dito isso, retornando a proposta inicial de ensino do futebol na escola a partir de uma proposta que fuja dos métodos tradicionais, qual caminho tomar para que o seu ensino cumpra os parâmetros dos documentos norteadores que traz como objetivo educacional ser voltado à formação humana e cidadã?

O JOGO NA ESCOLA

Quando o assunto é jogo diversos autores sempre começam por tentar por tentar dar-lhe uma definição, baseando-se em características que são comuns nas atividades que podem ser chamadas de jogo. Acreditamos, porém que o jogo possui uma natureza muito subjetiva, assim, o que pode ser um jogo para alguns, para outros não necessariamente o será. Kishimoto (2011, p. 13) discorre que

tentar definir o jogo não é tarefa fácil. Quando se pronuncia a palavra jogo cada um pode entendê-la de modo diferente. Pode-se estar falando de jogos políticos, de adultos, crianças, animais ou amarelinha, xadrez,... Por exemplo, no faz-de-conta, há forte presença da situação imaginária; no jogo de xadrez, regras padronizadas permitem a movimentação das peças.

Destarte, cada um dos grandes estudiosos do jogo deu suas próprias características para que uma atividade possa ser chamada de jogo, mas que não iremos discorrer sobre esses conceitos para que o texto não se alongue. Limitaremos aqui a tentar tecer uma boa argumentação para que, assim como o futebol, sua presença nas aulas de Educação Física seja no mínimo entendida como uma importante ferramenta de ensino.

Não queremos aqui defender o caráter positivista do jogo, pelo contrário, querendo passar o mais longe que conseguirmos, não que essa forma de pensar o jogo seja ruim, contudo concordamos com Freire (2017) que ele já tenha cumprido seu papel. A abordagem positivista do jogo é completamente contraditória a nossa proposta, pois segundo Freire (2017, p. 67) “fragmentar o fenômeno em partes, analisando cada uma delas separadamente, juntando-as ao final, produz não uma compreensão, mas uma ilusão”.

Não concordamos, portanto, que no que concerne ao jogo e sua utilização como método de ensino na escola, seja tarefa do aluno reunir as partes de um jogo e aplica-los na totalidade do esporte em que se pretenda ensinar, como é frequentemente utilizado na abordagem dos jogos pré-desportivos. Concordamos com Garganta (1995) que dessa forma não promoveria nos alunos autonomia na resolução de problemas que possam advirem em uma partida. Se, como anteriormente mencionado acerca do futebol ele não é bom ou ruim, assumiremos também que o jogo também compartilha dessa mesma natureza e tudo vai depender do propósito que se dê a ele.

Huizinga (1999) defende o jogo numa perspectiva cultural, dizendo que ele, o jogo, é cultura e produz cultura e por sua função significante para aqueles que o pratica, chega a produzir conhecimento. Contudo chamo à atenção ao caráter funcionalista que ele pode adquirir se não for cuidadosamente pensado para o ambiente escolar, ou então ele seria somente mais um conteúdo a ser aprendido pelos alunos.

Concordamos com Kishimoto (2011) a respeito do jogo como uma possível alternativa para solução de diversos problemas da prática pedagógica, pois quando ele é contextualizado e totalmente compreendido, várias são as possibilidades que ele pode oferecer. O jogo pode assumir então o papel de ferramenta de desenvolvimento, cabendo

então ao professor, assumir o papel de parceiro na elaboração e aplicação do jogo, não de um mentor. Em outras palavras, é problematizar junto ao aluno o jogo pensado pedagogicamente com o aluno.

JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS (JEC)

Uma rápida pesquisa na literatura específica aponta que o esporte é o conteúdo mais presente nas escolas brasileiras e entre eles, o futebol é o destaque. Importante apontar que mesmo na atualidade, há ainda professores de Educação Física escolar que buscam referências em valores do esporte profissional tal como a busca por certo nível de desempenho, formação de um aluno-atleta e a busca por resultados, em detrimento da preocupação com a formação social do aluno.

Esse tipo de visão do esporte na escola, segundo Leite (2010) pode dar mais ênfase à competição em detrimento da formação social e humana dos alunos; o aprendizado de gestos técnicos em detrimento do processo histórico-cultural. Defendemos aqui, assim como Reverdito, Scaglia e Paes (2009) e Leite (2010); que a competição deve sim estar presente no esporte escolar, mas de maneira contextualizada e nunca ser usada como parâmetro avaliativo dos alunos, em outras palavras, educar através do esporte e não educar na modalidade esportiva, o que pode gerar consequências positivas ou negativas a depender da abordagem, ou seja, o esporte por si só não educa, ele precisa tornar-se educativo.

Carlan (2012) discorre que uma ideia muito comum é que ensinar um esporte seja somente ensinar a praticar. Contudo, o esporte como conteúdo a ser ensinado na escola, deve existir a compreensão da necessidade de uma pedagogização crítica da relação teoria/prática, envolvendo fatos, princípios, reflexões, bem como constituição de valores, atitudes, e comportamentos, reconhecendo o esporte como um fenômeno socialmente produzido.

Um dos principais avanços na literatura sobre esporte nos últimos anos parece ter sido a respeito do seu ensino a partir das semelhanças estruturais entre as modalidades coletivas. No contexto nacional, os JEC têm grande relevância como método de ensino por englobar os esportes mais tradicionais no Brasil como o voleibol, handebol, basquetebol e futebol.

Garganta (1995) discute o ensino esportivo sob a ótica de utilização dos JEC a partir uma perspectiva fenômeno-estrutural e sistêmica, uma vez que, assim como o esporte, o jogo apresenta uma complexa totalidade de modo que possibilita ao aluno, se bem direcionado, compreender a dinâmica de funcionamento e aplicação dos aspectos técnicos e táticos do jogo no esporte.

Para Reverdito, Scaglia e Paes (2009), os JEC podem ser considerados como um meio gerador de diversas oportunidades para além dos aspectos técnicos e táticos, mas tendo em vista sempre a formação integral do aluno a partir das vivências que o jogo oferece, articulando com as diversas dimensões sociais.

Não defendemos aqui um ensino puramente humanista com relação ao ensino esportivo na escola, isto é, um abandono do movimento em favor da reflexão. Acreditamos que os JEC didaticamente pensados para o ambiente escolar constitui importante ferramenta para ensino dos esportes coletivos, uma vez que decisões sobre “o que fazer”, “quando fazer” e “como fazer” constituem parâmetros imprescindíveis para compreensão do jogo, possibilitando ao praticante comportar-se de maneira inteligente durante uma partida esportiva.

Garganta (1995) aponta os JEC como formadores por excelência, uma vez que são capazes de proporcionar situações e problemas a serem solucionados em grupo tal qual no convívio social, isto é, para além do esporte e da escola. Assim, Leite (2010) sugere durante o ensino esportivo na escola um confronto entre os valores que o fazem excludentes com os valores da participação, respeito e do lúdico, o que significa dizer que a escola não deve repetir o trabalho e sim realizar o trabalho do esporte.

Para além de apenas aprender o esporte, Garganta (1995); Reverdito, Scaglia e Paes (2009); Galatti *et al* (2014); Galatti *et al* (2017) pontuam sobre a importância do ensino perpassar na observação, manifestação e transformação de princípios e valores, permitindo aos alunos transferir tais reflexões para além do ambiente escolar e colocam os JEC como uma proposta de ensino como sendo um agente facilitador desse processo.

ENSINO ATRAVÉS DE UM JEC

No jogo de perguntas e respostas usado como diagnose inicial foi levantada a seguinte questão com os alunos: “futebol é “coisa de macho”, qual a sua opinião sobre essa afirmação?”. As respostas que obtivemos foram sempre no sentido de discordância e a que mais se repetiu foi “futebol é para qualquer um que deseje jogar”.

Essas respostas poderiam alegrar a qualquer professor, contudo, o que foi visto na prática foi bem diferente, uma vez que no jogo diagnóstico, no momento da escolha dos times, as meninas foram deixadas por último no 9A enquanto no 9B não tiveram apoio algum na hora de escolher os integrantes. Esse comportamento destoante precisava ser confrontado com os alunos.

Em determinada aula, os alunos foram divididos em duas equipes mistas, definidas através de sorteio pelo número da chamada. A cada grupo foi dada a tarefa de cada integrante escrever o nome de dois jogadores de futebol que eles conhecessem, montando assim um time. Ao final dessa parte, os alunos conseguiram facilmente montar duas equipes masculinas.

Na segunda parte, foi pedido que montassem então um time feminino. No mesmo momento, as turmas nos lançaram olhares desconcertados e por um momento todos pareciam ter congelado. Depois de um minuto ou dois, finalmente um dos alunos disse que eles não iriam conseguir, pois não conheciam jogadoras suficientes, na verdade, só conseguiram apontar 3 nomes: Marta, Cristiane e Formiga.

O comportamento dos alunos refletiu o comportamento da sociedade apontado por Silva (2015) que vê no futebol um lugar de hegemonia masculina, não cabendo espaço para ninguém que não se enquadre no perfil de “machão”. Esse foi o gatilho que precisávamos para discutir a questão das mulheres no futebol de uma maneira contextualizada.

Foi exibida então, uma parte do vídeo da aula diagnóstica, dando ênfase no momento da escolha dos times. Os alunos foram orientados a darem atenção ao processo como um todo e como as meninas foram deixadas por último e/ou deixadas sem assistência. Então os meninos foram questionados do por que disso ter acontecido.

O debate começou a ficar enérgico e precisou ser mediado com alguns fatos. Nesse momento foi exibida uma apresentação visual sobre a participação das mulheres ao longo dos anos e como durante muitos anos foram impedidas de jogarem por força de lei. Foi interessante a cara de espanto dos meninos e a revolta das meninas ao saberem sobre esse processo histórico.

A discussão levou uma aula inteira e rendeu boas respostas tanto dos meninos quanto das meninas. É importante não olhar para o passado com o olhar do presente. Terminada a parte conceitual, a questão colocada para os alunos foi: “como dar mais destaque para as meninas?” e pedimos que pensassem numa forma de destacar a participação delas.

A essa altura estávamos trabalhando esquema defensivo, com destaque para o papel da zaga. O jogo que foi proposto para os alunos foi autoral, a “Queimada com anjo”. O jogo segue o mesmo padrão do jogo tradicional de queimada: duas equipes que tentam acertar os adversários arremessando uma bola.

Contudo, há regras bem específicas:

1. Cada equipe possui um integrante em posse de uma raquete de frescobol, o anjo;
2. O anjo deve usar a raquete para desviar a bola de seus companheiros;
3. O anjo não pode ser queimado;
4. Se a bola bater em qualquer parte do corpo do anjo e atingir um colega de equipe, este não será queimado;
5. O anjo pode ser trocado, sem limites de alterações entre os membros de uma mesma equipe;
6. O anjo não pode queimar os adversários, salvo se for num rebote rápido, contanto que largue a raquete antes de tomar posse da bola.

Explicado as regras do jogo, chegou o momento da divisão dos times. Os alunos do 9A propuseram que a divisão fosse feita por duas meninas, de modo que elas teriam total autonomia para decidir sobre a composição do time e que os meninos só ajudariam na escolha se caso elas pedissem. Além disso, ficou acordado que a menina que escolhesse o time seria nomeada a capitã.

Já de início uma questão foi levantada por uma das meninas, que pontuou que não adiantaria as meninas escolherem o time se os meninos ficassem dando opinião o tempo todo e quando elas não escolhessem o que eles sugerissem ficarem com raiva. Ao passo que os meninos se defenderam dizendo que as meninas escolhem os times por amizade deixando o time fraco aumentando a chance de derrota.

Nas falas podem ser identificadas reproduções do meio social no que diz respeito às mulheres. As mulheres querem além de serem ouvidas, respeitadas em suas decisões, ao passo que há ainda muitos homens que acham que as mulheres são ineficientes em tomadas de decisões mesmo que estejam em posição de fazê-lo. Esse é um aspecto que precisa ser minuciosamente questionado, debatido e repensado cotidianamente.

Quando o jogo foi iniciado, o primeiro questionamento que foi feito por alguns alunos foi do por que o jogo estar sendo usado no ensino do futebol, uma vez que, ao contrário do futebol que se joga com os pés, o jogo era jogado com as mãos. Mais uma vez fiz o retorno sobre os esportes coletivos terem aspectos em comum e que um bom esquema defensivo faz parte de toda equipe de qualquer esporte coletivo.

Instigamos os alunos a pensarem numa forma do anjo melhor proteger o seu time, já que esse era seu único papel. Durante os primeiros 10 minutos da atividade, não houve alterações significativas no comportamento dos alunos do 9A, ao passo que no 9B, embora a disputa estivesse mais acirrada, os anjos ficavam correndo de um lado para o outro da quadra e o desgaste físico já ficava mais evidente.

Paramos a atividade e o grupo inteiro se reuniu na lateral da quadra. Então questionei qual a principal dificuldade encontrada no jogo. A maioria dos alunos questionou a presença do anjo em quadra, pois “ele não servia pra nada”, ou que “na queimada o objetivo era queimar o time adversário”.

Chamamos atenção dos alunos sobre alguns pontos importantes num jogo de futebol. Primeiro perguntamos o que era mais importante num jogo: fazer gols ou não tomar nenhum gol? As respostas giraram em torno de os dois terem a mesma importância num jogo, uma delas me chamou atenção:

As falas dos alunos refletiram um pensamento muitas vezes enraizados em quem começa a jogar futebol e em outros esportes: a parte mais importante é fazer gols. Claro que numa partida de futebol, o ponto alto é quando acontece um gol, mas tão importante quanto fazer gols é não tomar gols.

O segundo questionamento que fizemos foi: já que concordamos que a defesa é tão importante quanto o ataque, de que maneira seria mais fácil defender: com a trave presa num único lugar ou se caso a trave ficasse mudando de lugar? Ou pior, e se tivesse que defender duas ou três traves em lugares diferentes do campo? Claro que as respostas foram unânimes e óbvias. Então lançamos mais uma vez o desafio do time pensar numa maneira de facilitar o trabalho do anjo, que se fosse num jogo de futebol, estaria no lugar da zaga.

Acabado a conversa do *timeout*, retornamos ao jogo. Cada equipe teve a oportunidade de pensar em uma estratégia durante alguns minutos. Terminado o tempo, retornamos ao jogo. As equipes do 9A tiveram uma enorme dificuldade de conseguir organizar os integrantes no meio do jogo e o anjo não conseguia evitar que os colegas fossem queimados com tanta facilidade.

Tivemos um pouco mais de sorte com o 9B, ao menos em um dos times, pelo menos. Uma das equipes desenvolveu uma estratégia: formaram uma fila indiana atrás do anjo. Com todos os integrantes em uma fila atrás do anjo, a equipe adversária encontrou dificuldade em queimar alguém. Ao perceber o funcionamento da estratégia, a outra equipe logo copiou e ambas as equipes passaram a se posicionar atrás do anjo.

Conforme aponta Garganta (1995); e Scaglia, Reverdito e Galatti, (2013); os JEC proporcionam aos jogadores que atuem diretamente na resolução de suscetíveis problemas: tão logo um problema que é resolvido, logo outro aparece, assim aconteceu com o jogo, afinal, os times conseguiram arrumar a defesa de um jeito que era praticamente impossível de ser vencida e o jogo ficou praticamente parado, isto é, ninguém conseguia queimar ninguém e assim a aula chegou ao fim.

Na semana seguinte, começamos com o 9A exatamente de onde paramos. Dessa vez percebi certa evolução na hora da escolha dos times, pois as meninas não foram deixadas por último. Sugerir à turma que utilizasse a estratégia utilizada pelo 9B desde o início e a partir daí puderam ver que o anjo seria de grande ajuda com a defesa da equipe.

Passado algum tempo de jogo e o mesmo problema aconteceu: ninguém conseguia queimar ninguém e o jogo começou a entrar num estupor. Paramos o jogo para um *timeout* e questionei a eles sobre as dificuldades que agora estavam enfrentando e que maneira poderíamos contornar o problema? A solução proposta pelos alunos foi que não seria permitido o time todo ficar atrás do anjo, não no começo pelo menos.

O jogo voltou a ganhar dinamismo de modo que o anjo conseguia proteger a sua equipe e ainda assim a adversária tinha chance de queimar. Quando chegou a vez do 9B, antes mesmo de começarmos, um aluno já apontou que se todos ficassem atrás do anjo, não teria como queimar, então pedimos logo que pensassem numa forma de resolver esse problema. Depois de algum tempo sem sugestões, coloquei em pauta a apresentada pelo 9A e todos resolveram tentar o jogo com essa nova regra. O jogo aconteceu sem muita dificuldade e a turma logo conseguiu vencer a barreira de ter um anjo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De volta à sala de aula, chegou o momento de discutirmos sobre a atividade e sobre os pontos emergentes do início: 1: a participação das mulheres no futebol; e 2: a organização de um esquema defensivo do time.

Acerca do esquema defensivo os alunos pontuaram que no princípio do jogo da queimada com anjo eles não conseguiram ver nenhuma importância do anjo. Contudo, com o andamento do jogo e a partir dos questionamentos levantados durante o jogo, que começaram a ver o anjo como o goleiro numa partida de futebol. Outro ponto interessante que eles colocaram foi que não importa o quão bom seja o goleiro (no jogo encarado como o anjo), se não houver um trabalho de equipe junto aos zagueiros de demais jogadores, de nada adianta.

Essa percepção que os alunos desenvolveram ao longo do jogo pode ser atribuída ao fato de no início do jogo, por ser totalmente novo, eles ainda não estavam envolvidos com o jogar. Concordamos com Freire (2017) que o esporte na escola precisa que a passagem seja feita sem o abandono do lúdico, assim o aprendizado tático e técnico será desenvolvido sem perder o prazer do jogo.

Concordamos ainda com os apontamentos feito por autores como Scaglia, Reverdito e Galatti (2013); e Galatti *et al* (2014); Galatti *et al* (2017); que a proposta de ensino através dos JEC é um importante instrumento para garantir esse processo de aprendizado dos elementos técnicos/táticos por meio de situações problemas, uma vez que elas tendem a acontecer no esporte em si, o que corrobora com a percepção obtida por meus alunos: só conseguiram entender a importância de um bom esquema defensivo, quando viram que as situações que o anjo enfrentava eram muito parecidas com a que um goleiro enfrentava numa partida de futebol. Por último, perceberam que o anjo por si só não conseguiria defender os demais companheiros, assim como o goleiro não defende o gol sozinho, por isso, é preciso que toda a equipe organize-se de modo defensivo quando não estiverem no ataque.

O segundo ponto que foi sobre as mulheres no futebol gerou uma discussão mais acalorada. Quando retornei sobre a proibição das mulheres no passado e o reflexo que isso tem até os dias de hoje, os meninos argumentaram que eles não são machistas e que o processo de escolha dos times sempre leva em consideração os melhores jogadores, independente se for menina ou menino, logo as meninas da sala foram deixadas por último por não terem prática no futebol. Nesse ponto as meninas concordaram com os meninos, mas pontuaram que esse processo estava intimamente ligado à própria cultura escolar que sempre deixou as meninas de fora do futebol.

Sobre esse abandono, não há como negar que é uma cultura muito presente e que o início data desde a proibição por força da lei brasileira, conforme pontua Silva (2015) ainda que elas tenham sido verdadeiras guerreiras e tenham resistido desde à época. Ainda é presente, mesmo que eu não tenha sido diretamente citado pelos alunos, percebi que eles ainda tendem a pensar que existe ainda essa história de esporte que não é para mulheres.

O machismo está tão impregnado na sociedade que muitas das vezes passa despercebido por aqueles que o sofrem. Em defesa de meus meninos, ao meu entendimento, eles cometeram machismo, mas não foi proposital, mas sim o velho machismo estrutural,

conforme cita Silva (2015) que ainda vê os meninos como sendo melhores no futebol do que as meninas.

Levantamos os questionamentos sobre como a questão social interferia na escola, afinal, a escola tem a “cara” da sociedade em que está inserida. Convidei os alunos a refletirem sobre como era tratado o futebol na comunidade, foi aí que uma aluna do 9A levantou uma questão muito importante:

Ka: Aqui na comunidade só os meninos têm vez no futebol. Tem um homem que treina um time de futebol da comunidade, mas ele só treina o time masculino, nunca abriu vagas para o feminino. As meninas que se reúnem e jogam por conta própria. E pra piorar, o time masculino não paga nada pra treinar na quadra, mas as meninas que quiserem jogar tem que pagar. E tem muitas meninas que gostam de jogar e jogam bem.

(Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Todas as meninas da sala do 9A (o que foi confirmado pelo 9B) concordaram com o que a colega disse. A quadra, sendo comunitária, é de uso de todos, no entanto, para ajudar na limpeza e conservação da quadra é cobrada uma taxa de R\$1,00/pessoa para usar. O que é revoltante para elas é que o time masculino não paga a taxa ao passo que as meninas têm que pagar.

Nesse momento os meninos ficaram calados, pareciam ter ficado com vergonha da situação. Mais uma vez chamei a atenção da turma para as desigualdades que existem entre homem e mulher na sociedade e que o futebol, como elemento cultural da sociedade brasileira, acaba refletindo o comportamento social.

Sobre o machismo presente na sociedade e conseqüentemente no futebol, concordo com Le Breton (2020, p. 66) que “as características físicas e morais, as qualidades atribuídas ao sexo, dependem das escolhas sociais e culturais e não de um gráfico natural que fixaria ao homem e à mulher um destino biológico”, o que implica dizer que os meninos não jogam melhor que as meninas por serem meninos, e sim por uma questão social que deu mais acesso aos meninos.

Isso é bem comum no ensino do futebol nas escolas, uma vez que de acordo com Le Breton (2020, p. 66) “tanto meninos quanto meninas podem ser educados conforme uma predestinação social que de antemão lhe impõe um sistema de atitudes que correspondem aos estereótipos sociais”, em outras palavras, meninos jogam futebol e meninas jogam queimada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol como esporte muito presente na sociedade brasileira tende a também o ser na escola. Contudo, acreditamos que para além do ensinar a jogar bola, na escola ele deva ser percursor de diversos debates que o envolvem, ou seja, não basta jogar por jogar para que não reduzamos sua riqueza cultural e historicidade.

Pensamos o futebol na escola como elemento formador e catalisador de mudanças nos alunos. Não obstante, para que ele seja capaz de gerar alguma transformação ou ao menos provocar reflexão nos alunos, novas propostas de ensino precisam ser adotadas que vão muito além de repetição de movimentos como nas abordagens mais tradicionais de ensino. Assim, entendemos que os JEC, quando pensados pedagogicamente podem ser considerados uma nova forma de ensino dos esportes no âmbito escolar devido a sua capacidade de proporcionar nos alunos situações problemas que podem vir a aparecer no esporte.

Contudo, cabe ao professor enxergar o ensino do futebol (assim como os demais conteúdos escolares) pelo prisma do papel da escola como ambiente de formação integral do aluno, não apenas na absorção de esquemas quantitativos e fórmulas prontas para a resolução de problemas que se distancia da realidade vivida pelos alunos.

REFERÊNCIAS

CARLAN, P. O esporte como conteúdo da educação física escolar: um estudo de caso de uma prática pedagógica; 2012. Tese (Doutorado). Programa de pós graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/100461/309795.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23/05/2022.

DA MATTA, R. Universo do Futebol. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FREIRE, J. B. O jogo: entre o riso e o choro. Autores Associados, 2017.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. Revista da Educação Física/UEM, 25, 153-162, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/21088>. Acesso em 23/05/2022

GALATTI, L. R., et al O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático técnicos, Pensar a Prática, Goiânia, v. 20, n. 3, jul./set. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/39593>. Acesso em: 09/08/2021.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A. & OLIVEIRA, J. (orgs.). O ensino dos jogos desportivos: FCDEF-UP: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, p. 11-25, 1995.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HUIZINGA, J. (1999). Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. Perspectiva: São Paulo.

KISHIMOTO, T. M. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação, 14ª Ed., São Paulo: Cortez, 2011.

LE BRETON, D. Sociologia do corpo, Editora Vozes, 6ª Edição, 2020.

LEITE, E. A. O esporte na escola: sua realidade e possibilidade de mudanças. [www.efdeportes.com/Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 142 - Marzo de 2010](http://www.efdeportes.com/Revista%20Digital%20-%20Buenos%20Aires%20-%20Año%2014%20-%20Nº%20142%20-%20Marzo%20de%202010). Disponível em: <https://efdeportes.com/efd142/o-esporte-na-escola.htm>. Acesso em: 07/09/2022 às 18:03h.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. *Motriz*, Rio Claro, v.15 n.3 p.600-610, jul./set. 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2478/2477>. Acesso em 07/09/22 às 18:23h.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R.; GALATTI, L. Ambiente de jogo e ambiente de aprendizagem no processo de ensino dos jogos esportivos coletivos: desafios no ensino e na aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. In: NASCIMENTO, J.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (Org.). *Jogos desportivos: formação e investigação*. Florianópolis: Editora Tribo da Ilha, 2013.

SILVA, G. C. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). Dissertação (Mestrado) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10092015-161946/publico/2015_GiovanaCapucimESilva_Vcorr.pdf. Acesso em 08/09/22 às 16:27h.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2009.